



ARTIGO DE REVISÃO

CÁPSULAS EMOCIONAIS E NARRATIVAS ÚNICAS: O DILEMA DAS REDES NA CRISE DEMOCRÁTICA

João Vítor Almeida Silva Vieira¹
Denilson Moreira Ferreira²

RESUMO

Este artigo analisa a democracia brasileira contemporânea à luz do documentário “O Dilema das Redes”, da Netflix, que expõe os perigos dos algoritmos e seu impacto na sociedade. Examina-se o papel das redes digitais no enfraquecimento do debate público, destacando fenômenos como a desinformação, a polarização e a simplificação das narrativas. A pesquisa é qualitativa, bibliográfica e exploratória, utilizando a análise do discurso como abordagem metodológica. Parte-se da leitura crítica do ensaio “O Perigo de uma História Única, de Chimamanda Ngozi Adichie, que denuncia como narrativas únicas” criam estereótipos e reduzem a complexidade da realidade. Ao articular essas obras com o contexto político brasileiro, o artigo reflete sobre como as redes sociais contribuem para a fragilidade democrática ao distorcer o acesso à informação, promover visões reducionistas e limitar o pluralismo necessário para uma democracia sólida.

Palavras-chave: democracia; redes sociais; polarização; desinformação; narrativas.

ABSTRACT

This article analyzes contemporary Brazilian democracy in light of the Netflix documentary *The Social Dilemma*, which exposes the dangers of algorithms and their impact on society. It examines the role of digital networks in weakening public debate, highlighting phenomena such as disinformation, polarization, and narrative simplification. The research is qualitative, bibliographic, and exploratory, using discourse analysis as its methodological approach. It is based on a critical reading of the essay *The Danger of a Single Story* by Chimamanda Ngozi Adichie, which denounces how single narratives create stereotypes and reduce the complexity of reality. By connecting these works to the Brazilian political context, the article reflects on how social media contributes to democratic fragility by distorting access to information, promoting reductionist views, and limiting the pluralism necessary for a strong democracy.

Keywords: democracy; social media; polarization; disinformation; narratives.

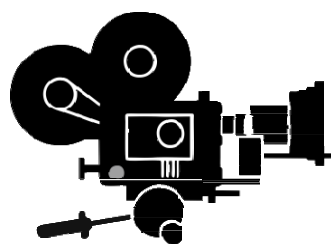
¹ Graduando em Direito pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – victorasvieira1@gmail.com

² Graduando em Direito pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – fdenilson.920@gmail.com

RESUMEN

Este artículo analiza la democracia brasileña contemporánea a partir del documental El dilema de las redes sociales, que expone los peligros de los algoritmos y su impacto en la sociedad. Se examina el papel de las redes digitales en el debilitamiento del debate público, destacando fenómenos como la desinformación, la polarización y la simplificación narrativa. La investigación es cualitativa, bibliográfica y exploratoria, y utiliza el análisis del discurso como enfoque metodológico. Parte de la lectura crítica del ensayo El peligro de una sola historia, de Chimamanda Ngozi Adichie, que denuncia cómo las narrativas únicas crean estereotipos y reducen la complejidad de la realidad. Al articular estas obras con el contexto político brasileño, el artículo reflexiona sobre cómo las redes sociales contribuyen a la fragilidad democrática al distorsionar el acceso a la información, promover visiones reduccionistas y limitar el pluralismo necesario para una democracia sólida.

Palabras clave: democracia; redes sociales; polarización; desinformación; narrativas.



UNEB

UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

DCHT - CAMPUS XIX
Departamento de Ciências
Humanas e Tecnológicas
Camaçari - Bahia

1 INTRODUÇÃO

Não se pode negar o impacto das redes sociais na sociedade contemporânea, especialmente no que se refere aos efeitos que essas plataformas exercem sobre a vida da população em geral. No Brasil, observa-se que o uso massivo destas ferramentas vai além da esfera individual, influenciando diretamente os rumos da democracia. Com as mudanças estruturais provocadas pelas mídias digitais, surgiram também novas formas de exercício e manutenção do poder, tanto por parte dos governantes — que, ao identificar em seus eleitores uma demanda constante por respostas e ação, utilizam algoritmos e ferramentas digitais para garantir sua permanência no poder — quanto por empresas de tecnologia, que se aproveitam da polarização política para atrair a atenção dos usuários, capturar seus dados e transformá-los em lucro.

Este artigo analisa o documentário *O Dilema das Redes*, produzido pela Netflix, e o ensaio *O perigo de uma história única*, de Chimamanda Ngozi Adichie, baseado em sua palestra no TED Talk, em 2009. As obras foram escolhidas por sua relevância para o cenário brasileiro atual, marcado por forte polarização e pela propagação de discursos ideológicos que interferem na opinião pública e no processo democrático. Em uma sociedade em que grande parte da população toma como verdade absoluta qualquer informação vinda de seus círculos sociais ou de influenciadores digitais alinhados a suas crenças, observa-se uma crescente dificuldade em manter uma visão crítica da realidade.

A fragilidade da democracia brasileira se expressa em episódios como os ataques às instituições democráticas e as tentativas de golpe de Estado. Essas ameaças, atualmente, partem até dos próprios governantes, que, por meio de sua influência nas redes sociais e do uso estratégico das ferramentas digitais, instigam a população a agir em seu favor, como o exemplo da tentativa de golpe de Estado em 8 de janeiro de 2023.

Em síntese, frisa-se que esta pesquisa é qualitativa, de caráter bibliográfico e exploratório, com base na análise de discurso. O artigo está estruturado em quatro seções: **(2)** Análise do documentário *O Dilema das Redes*; **(2.1)** A arquitetura da persuasão digital: algoritmos e o modelo de negócios das redes; **(2.2)** Cápsulas Emocionais e Narrativas Únicas: Desinformação, Afetos e a Política do Espetáculo; e **(2.3)** Protagonismo político e os impactos da radicalização digital na democracia

brasileira.

2 ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO *O DILEMA DAS REDES*

O Dilema das Redes é um documentário norte-americano lançado em 2020, dirigido por Jeff Orlowski e distribuído pela Netflix. A obra oferece uma análise sobre o impacto das redes sociais na sociedade contemporânea, especialmente a partir do ponto de vista de ex-funcionários de gigantes da tecnologia como Google, Facebook, Instagram, Twitter e YouTube. Por meio de entrevistas com desenvolvedores, engenheiros, designers e especialistas que trabalharam diretamente na criação dos algoritmos e das plataformas digitais, o documentário revela como essas empresas constroem mecanismos sofisticados de manipulação da atenção e do comportamento dos usuários, priorizando o lucro em detrimento do bem-estar coletivo.

A narrativa do documentário é estruturada em duas camadas: a primeira apresenta depoimentos e análises técnicas, éticas e sociais dos entrevistados; a segunda intercala essas falas com uma dramatização fictícia do cotidiano de uma família comum afetada pelas dinâmicas das redes sociais. Essa estratégia narrativa torna os impactos palpáveis, demonstrando como os algoritmos influenciam desde pequenas ações cotidianas até grandes decisões pessoais e coletivas, como opiniões políticas e padrões de consumo. Questões como vício em tecnologia, depressão entre adolescentes, propagação de *fake news*, radicalização política, vigilância comportamental e o uso comercial dos dados pessoais dos usuários são alguns dos temas abordados na obra.

Dentre os especialistas que aparecem no documentário, destaca-se Tristan Harris, ex-designer ético do Google e fundador do Center for Humane Technology. Ele alerta que as redes sociais são construídas intencionalmente para prender o usuário o máximo de tempo possível, utilizando técnicas baseadas em estudos de psicologia comportamental, como recompensas variáveis e notificações contínuas. Outros nomes de peso, como Jaron Lanier (cientista da computação e autor do livro *Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais*) e Aza Raskin (criador do scroll infinito³), também contribuem com reflexões que demonstram como essas tecnologias evoluíram sem regulamentação adequada, permitindo que os interesses econômicos se sobrepusessem à

³ Scroll infinito, ou rolagem infinita, é uma técnica de design na web onde o conteúdo é carregado continuamente à medida que o usuário rola a página para baixo, eliminando a necessidade de clicar em botões de paginação. Essa abordagem cria uma experiência de navegação mais fluida e é comumente usada em redes sociais, sites de notícias e e-commerces.

ética e à responsabilidade social.

Ao relacionar esse contexto com a realidade brasileira, percebe-se a influência direta das dinâmicas apontadas no documentário no agravamento da polarização política e da radicalização ideológica no país. As redes sociais têm sido utilizadas como ferramentas eficazes na disseminação de desinformação, discurso de ódio e teorias conspiratórias, o que ficou evidente especialmente nos períodos eleitorais – especialmente nas eleições presidenciais de 2018 e 2022. O uso estratégico de dados pessoais por campanhas políticas e grupos extremistas contribuiu para o enfraquecimento do debate público racional e o acirramento de tensões entre diferentes grupos sociais, aumentando também a radicalização e polarização. Esse cenário compromete a estabilidade democrática brasileira ao alimentar a desconfiança nas instituições, deslegitimar a imprensa profissional e incentivar o comportamento antidemocrático.

Assim como aponta o documentário, o problema não está nas tecnologias em si, mas na forma como são exploradas por um modelo econômico que prioriza o engajamento e a viralização, independentemente das consequências sociais. No Brasil, essa lógica contribui para o crescimento de bolhas informacionais, a radicalização do discurso político e a desestruturação do tecido social, sobretudo em um contexto de fragilidades institucionais e desigualdades históricas. O que se observa, portanto, é que as redes sociais, ao invés de promoverem o diálogo e o acesso à informação plural, acabam reforçando crenças preexistentes, alimentando o extremismo e dificultando a construção de consensos democráticos. Desse modo, a obra *O Dilema das Redes* se revela não apenas como uma crítica ao funcionamento das plataformas digitais, mas também como um alerta sobre os riscos que esse ecossistema representa para a democracia, os direitos humanos e a própria coesão social.

2.1 A ARQUITETURA DA PERSUASÃO DIGITAL: ALGORITMOS E O MODELO DE NEGÓCIOS DAS REDES

As redes sociais, no contexto contemporâneo, consolidaram-se como protagonistas na organização da vida pública, influenciando comportamentos individuais, interações sociais e decisões políticas. O que começou como um espaço de conexão interpessoal evoluiu para um sistema altamente sofisticado de controle comportamental, ancorado na coleta de dados e na engenharia algorítmica. Conforme aponta Zuboff (2020), em *A Era do Capitalismo de Vigilância*, o modelo dominante dessas plataformas está centrado na

captura da experiência humana — traduzida em dados — e sua transformação em mercadoria, negociada para fins de lucro por corporações tecnológicas globais. Nesse cenário, a atenção do usuário torna-se o principal ativo, e tudo é desenhado para mantê-lo engajado o maior tempo possível

Uma pesquisa de Baptista (2019) evidencia o impacto direto desse modelo na democracia brasileira. Segundo a reportagem, nas eleições presidenciais de 2018, quarenta e cinco por cento dos eleitores declararam ter decidido seu voto com base em informações acessadas por meio de redes sociais, como YouTube, Instagram, Facebook e WhatsApp. O dado revela que tais plataformas deixaram de ser coadjuvantes para assumir um papel central na construção de narrativas políticas e na formação da opinião pública. O que a reportagem destaca com preocupação é a assimetria de poder entre os usuários e as plataformas, uma vez que o que se vê e o que se prioriza nos *feeds* não é fruto de uma escolha consciente, mas sim de algoritmos opacos, treinados para reforçar padrões de engajamento emocional.

Esse funcionamento algorítmico é detalhado por diversas fontes, como o artigo publicado pelo Sebrae, que explica como as redes operam com base em critérios de relevância programada: conteúdos que geram mais reações — principalmente as negativas, como indignação ou medo — têm maior alcance. Isso gera um ciclo de retroalimentação da polarização, tornando o debate público mais fragmentado e emocional. Complementando essa visão, o documentário *O Dilema das Redes* revela que as ferramentas utilizadas para prender a atenção dos usuários são desenhadas com base em princípios de psicologia comportamental, explorando vulnerabilidades cognitivas e afetivas. Na dramatização da obra, o personagem fictício Ben é constantemente manipulado por notificações e conteúdos direcionados, a ponto de ser conduzido — sem perceber — a uma manifestação política violenta. O algoritmo, nesse contexto, atua como um “marionetista invisível”, capaz de moldar emoções e decisões concretas no mundo real.

Nesse ambiente, o próprio conceito de verdade se fragiliza. Como mostram os estudos abordados no editorial do Sesc-SP (2023), os algoritmos não apenas filtram o conteúdo, mas constroem realidades distintas para cada usuário, reforçando estereótipos, crenças preexistentes e visões de mundo parciais. A personalização extrema, nesse sentido, cria zonas de conforto ideológico, também conhecidas como “bolhas informacionais” – que serão abordadas posteriormente no artigo – em que o contraditório é cada vez mais

ausente. Essa fragmentação da esfera pública compromete o debate democrático e favorece a disseminação de discursos extremistas, conspiratórios e desinformativos.

O impacto desses mecanismos é potencializado no contexto brasileiro, onde o uso das redes sociais é intenso e crescente. Essa capilaridade torna o ambiente digital o principal espaço de circulação de informações políticas. No entanto, como aponta Barret (2024), esse poder de influência não vem acompanhado de mecanismos efetivos de regulação, o que abre espaço para abusos, manipulações e, sobretudo, para a mercantilização da vida cívica.

O Direito, nesse contexto, tem sido chamado a acompanhar as transformações trazidas por essa nova configuração do espaço público. A assimetria entre usuários e plataformas envolve não apenas aspectos técnicos, mas também implicações jurídicas relevantes. A Lei Geral de Proteção de Dados – LGPD (Brasil, 2018) representa um passo importante na tentativa de equilibrar essa relação, ao estabelecer princípios de transparência, consentimento e responsabilização. No entanto, ainda há espaço para avanços, sobretudo no que diz respeito à compreensão dos impactos sociais dos algoritmos e à promoção de práticas digitais mais éticas e inclusivas.

Conclusivamente, é notório que os algoritmos desempenham um papel fundamental na política brasileira, ao direcionar conteúdos, disseminar informações – muitas vezes falsas – e influenciar o debate público. Destarte, tal conjuntura configura um ambiente propício à polarização e à disseminação de *fake news* – como demonstrado pelas pesquisas citadas – que geram impactos significativos para a democracia brasileira e exigem atenção dos órgãos competentes. Nesse sentido, torna-se urgente refletir sobre o alerta da escritora nigeriana, Adichie (2009), quanto ao "perigo da história única", ou seja, a redução da realidade a uma única narrativa repetida e amplificada em detrimento da diversidade de vozes e perspectivas. Os algoritmos, ao promoverem bolhas informacionais e reforçarem padrões de engajamento emocional, acabam por favorecer esse empobrecimento do discurso público. Assim, faz-se necessário repensar o papel das plataformas digitais e promover uma regulação que assegure maior transparência, pluralidade e responsabilidade no ambiente virtual, fortalecendo, assim, os pilares de uma democracia mais justa, crítica e inclusiva.

2.2 CÁPSULAS EMOCIONAIS E NARRATIVAS ÚNICAS: DESINFORMAÇÃO, AFETOS E A POLÍTICA DO ESPETÁCULO

A expressão “história única”, conceito usado por Adichie (2009), refere-se à representação unilateral, recorrente e reducionista de um povo, cultura ou identidade, a partir de uma narrativa dominante que se impõe como a única possível. Adichie afirma que o problema dos estereótipos — frequentemente resultado da história única — não reside em serem falsos, mas em serem incompletos, pois reduzem a pluralidade de vivências a uma única perspectiva.

Em consonância com essa ideia, é notório que, na atual conjuntura política brasileira, ocorrem situações comparáveis aos pensamentos da escritora. Um exemplo é a criação das atuais "cápsulas emocionais": ambientes digitais moldados por algoritmos de redes sociais que filtram e exibem conteúdos com alto apelo emocional – como raiva, medo ou indignação – com o objetivo de manter o usuário engajado.

Segundo Justin Rosenstein, no documentário "O Dilema das Redes" (Netflix, 2020), ao pesquisar no Google por "mudanças climáticas", os resultados de autocompletar podem variar de acordo com a localização do usuário. Em alguns lugares, a sugestão pode ser "mudanças climáticas é mentira", enquanto em outros, pode ser "mudanças climáticas estão causando destruição da natureza". Ele explica que essa variação não reflete a realidade das mudanças climáticas em si, mas sim o histórico de pesquisa e os interesses que o Google possui sobre o usuário.

Desse modo, como explicitado e conforme apontado por especialistas no documentário *Dilema das Redes*, esses algoritmos visam capturar a atenção dos usuários. Para tal, uma das estratégias é analisar minuciosamente o comportamento dos indivíduos durante a navegação nas redes sociais, permitindo que o algoritmo sugira, com a maior precisão possível, conteúdos que os mantenham conectados e consumindo.

Medeiros (2022) cita Antonio Euzébio Filho, professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo -USP, que aduz que emoções e política são indissociáveis, pois integram a natureza humana, afirmando que o afeto se manifesta nos encontros, assim como a política é feita de encontros, ou seja, não dá para pensar política sem afeto. Essa ideia foi sendo aprimorada ao longo dos anos com estratégias de marketing político. No entanto, ao analisar o cenário democrático brasileiro, percebe-se um clima hostil que se instala a cada discussão popular. O debate deixou de visar ao benefício mútuo, tornando-se quase uma disputa por uma vitória polarizada. Frequentemente, aspectos positivos de uma proposta são ignorados se originados de um opositor ou, em

alguns casos, sequer são considerados. As discussões entre indivíduos parecem não mais buscar o bem comum, mas sim satisfazer o senso de pertencimento e razão fomentado pela cápsula emocional em que o indivíduo se encontra.

Conforme explica Richardson (2020), professora visitante na Rutgers Law School e no Rutgers Institute for Information Policy and the Law, no documentário "O Dilema das Redes", as pessoas atualmente baseiam suas percepções em diferentes conjuntos de fatos. Quando isso acontece em larga escala, os indivíduos perdem a capacidade de reconhecer ou consumir informações que contradizem a visão de mundo que construíram.

Concomitantemente às ideias de Richardson, infere-se que a sociedade atual, além de não ser objetiva, racional e construtiva em sua atuação democrática, é intensamente imbuída de emoção. Ela desfere ataques contra oponentes – e demonstra incapacidade de manter o respeito no diálogo, o mais importante emblema da democracia.

McNamee (2020) reforça essa ideia, comparando a situação atual a um "Show de Truman" em grande escala, com 2,7 bilhões de pessoas, onde cada indivíduo possui sua própria realidade e fatos. Com o passar do tempo, cria-se uma falsa sensação de consenso, pois o feed de notícias de cada pessoa corrobora suas próprias visões. Nesse estado, a manipulação se torna fácil, semelhante à forma como um mágico manipula seu público.

Ademais, o ideário de meio-termo perde força progressivamente, enquanto a polarização se acentua. As redes sociais têm parcela significativa de responsabilidade nisso, pois, por meio de seus algoritmos, dividem a população ao mostrar predominantemente um lado da história – aquele que os usuários já consideram correto –, reforçando apenas vieses semelhantes.

Por fim, as redes sociais deram voz a uma grande parcela da população que, inconformada com a realidade brasileira percebida – ou aquela exibida em suas redes –, clama por reformas e mudanças que considera corretas. Esses usuários protegem seus políticos de estimação e “gritam” contra propostas do espectro político oposto, propostas estas que, às vezes, sequer existem. A dúvida sobre o que é verdadeiro ou falso tornou-se alarmante: como discutir política corretamente sem saber o que é factual? Por outro lado, as plataformas de redes sociais não demonstram intenção de alterar seu *modus operandi*. Elas lucram com a polarização e, frequentemente, não

consideram necessária a verificação e remoção de conteúdos falsos.

2.3 PROTAGONISMO POLÍTICO E OS IMPACTOS DA RADICALIZAÇÃO DIGITAL NA DEMOCRACIA BRASILEIRA

Há de se preponderar, todavia, os desafios para as mudanças de tais problemáticas quanto aos algoritmos e uso indiscriminado de redes sociais como fomentadora do debate político, já que em grande parte do tempo os próprios legisladores se beneficiam dessas ferramentas para se promover e atacar seus adversários.

Ituassu e Matos (2024) se debruçam sobre o complexo cenário das eleições brasileiras de 2022 sob a ótica da influência das mídias digitais. O livro serve como uma importante fonte para analisar como as plataformas *on-line* impactaram o processo democrático, a comunicação política e a disseminação de informações (e desinformação). Segundo Carneiro, Almada e Dourado (2024), o cenário da desinformação *on-line* tem como explicação inúmeros fatores, tais como o processo de acirramento e radicalização da política, a baixa confiança na mídia tradicional e nas instituições democráticas e o aumento significativo da penetração da internet em todo o país, principalmente com o protagonismo dos dispositivos móveis.

Ademais, os autores explicitam que as redes sociais têm papel preponderante na disseminação de mensagens instantâneas que tornam as discussões políticas acessíveis às grandes massas e tornam as discussões visíveis para a grande parte dos usuários. Além de permitir a rápida viralização conteúdos políticos, essas plataformas foram utilizadas, nas eleições de 2022, pelo ex-presidente Jair Messias Bolsonaro em constantes tentativas de macular a imagem das urnas eletrônicas – sistema que, inclusive, serve de modelo para outros países. Repetindo argumentos sem apresentar provas, o ex-presidente divulgava seu discurso nas redes sociais, apresentando-o com verdade. Como consequência, uma parcela significativa da população passou a considerá-lo fato, o que contribuiu para gerar instabilidade na democracia brasileira e comprometer a normalidade constitucional.

Como pensar uma democracia efetiva quando o presidente da República, reiteradamente, ataca um sistema no qual foi eleito, sem as devidas provas de sua ineficácia? Como explicitado nas seções anteriores, as chamadas *big techs*, donas das redes sociais, mostram-se pouco interessadas em mudar esse panorama — como, por exemplo, nas tensões entre as decisões do Ministro do Supremo Tribunal Federal - STF,

Alexandre de Moraes, e o dono da rede social X quanto ao bloqueio ou não de dados de pessoas que estavam sendo investigadas pela disseminação de *fake news* —, já que se trata de uma relação de ganhos mútuos: tanto o político se beneficia ao engajar um grande número de pessoas com seus posts, quanto as plataformas lucram ao manter os usuários conectados e engajados com conteúdos polarizadores.

Nesse contexto, vale considerar a análise de Applebaum (2021), que observa como líderes de perfil autoritário se aproveitam das redes para disseminar discursos que prometem segurança, unidade e retorno a valores tradicionais. Esse tipo de narrativa, ao simplificar questões sociais complexas, atrai parcelas da população que se sentem inseguras diante das transformações culturais e políticas do mundo contemporâneo. Os algoritmos das plataformas digitais, por sua vez, amplificam essas mensagens ao privilegiar conteúdos que geram engajamento emocional e confirmam as crenças dos usuários. Com isso, forma-se um ciclo que reforça bolhas ideológicas e alimenta a radicalização de grupos, dificultando o diálogo democrático e o enfrentamento de temas sociais relevantes.

Outro ponto crucial abordado no documentário *O Dilema das Redes* é a influência dos produtores de conteúdo e influenciadores digitais na formação de opinião política e no processo de tomada de decisão dos usuários. Isso é retratado por meio da história do personagem Ben, um adolescente que começa a consumir vídeos de um influenciador engajado politicamente. Aos poucos, Ben é exposto a conteúdos cada vez mais polarizados, que o incentivam a escolher um lado em um cenário de crescente tensão social. O influenciador, apresentado como alguém carismático e persuasivo, estimula seus seguidores a se posicionarem politicamente e a se envolverem em "ações pela causa", transmitindo a ideia de que isso é um dever moral. Movido por esse discurso, Ben decide participar de um protesto associado ao grupo que passou a seguir. No entanto, ao chegar ao local, ele se depara com um cenário completamente diferente do que imaginava: o protesto não é pacífico, mas sim marcado por hostilidade e violência. A situação sai do controle, e Ben acaba sendo preso, juntamente com sua irmã, que sequer estava envolvida nas decisões políticas ou nos conteúdos consumidos por ele.

Nesse sentido, quando um influenciador explicita sua opinião, ele não está apenas se posicionando sobre determinado assunto, mas validando uma determinada narrativa que é recebida com credibilidade por seus seguidores. Tal apoio aumenta a visibilidade dos candidatos e ajuda a mobilizar uma base de eleitores que poderiam não ser alcançados

por métodos tradicionais de campanhas. Um dos principais pontos quanto à participação política dos influenciadores digitais é o da transparência: não fica claro se estão expressando opiniões autênticas ou se recebem algum tipo de benefício para promover candidatos. Em um país onde quarenta e cinco por cento da população é influenciada por redes sociais, tais questionamentos são cruciais para que se alcance uma democracia justa, transparente e verdadeiramente representativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, é evidente que a atual conjuntura política brasileira demanda regulamentações legislativas eficazes para que a democracia se consolide de maneira plena, alcançando todos os segmentos da sociedade — conforme já alertava o geógrafo Milton Santos, ao afirmar em seu texto “Cidadanias mutiladas” que a democracia só é legítima quando efetivamente abarca o corpo social em sua totalidade. Não se pode admitir que um país com a relevância e diversidade do Brasil permaneça sem um controle adequado sobre práticas nocivas que comprometem a credibilidade de suas instituições democráticas.

A propagação de notícias falsas e conteúdos difamatórios contra candidatos ou parlamentares não pode ser naturalizada. É imperativo que o debate político volte a ser orientado pela pluralidade de ideias e pela apresentação de propostas concretas, e não pela lógica da destruição de reputações. A centralidade da discussão democrática deve residir nos temas de interesse público e nas soluções apresentadas para o bem-estar da população, e não nas falhas e ataques direcionados aos oponentes. Quando uma campanha eleitoral é estruturada com base na difamação, e não em propostas, constata-se uma democracia centrada na disputa e não no diálogo.

Ainda que instituições como o Tribunal Superior Eleitoral -TSE, em parceria com as grandes empresas de tecnologia, tenham promovido ações para conter a propagação de desinformação e conteúdos suspeitos, tais medidas ainda são insuficientes diante da complexidade do problema. É necessário um esforço mais amplo, envolvendo o Judiciário e o Legislativo, com o intuito de mitigar os efeitos da radicalização política e da difamação exacerbada nos ambientes digitais.

A democracia brasileira tem sido sistematicamente ameaçada, e muito disso se deve à existência de uma estrutura digital deliberadamente articulada para disseminar o caos informacional. A tentativa de golpe de Estado ocorrida em 8 de janeiro de 2023 não teve origem naquele dia, mas sim nas bolhas informacionais em que grupos organizados

compartilhavam notícias infundadas, sem embasamento técnico ou jurídico, sobre o processo eleitoral.

Nesse cenário, tanto o documentário *O Dilema das Redes* quanto o ensaio *O Perigo de uma História Única*, de Chimamanda Ngozi Adichie, trazem importantes reflexões. Ambos demonstram, por perspectivas distintas, os riscos de se consumir uma única narrativa. A ausência de contrapontos e de diversidade de visões contribui para a formação de opiniões frágeis e enviesadas. No Brasil, o debate político tem sido progressivamente reduzido a disputas ideológicas desprovidas de fundamentação sólida, conduzidas por atores cujo interesse ultrapassa os limites éticos estabelecidos em sociedade.

Portanto, para que a sociedade brasileira supere essa “história única”, conforme alertado por Chimamanda, é urgente o fortalecimento de políticas públicas que atuem no controle da disseminação de notícias falsas e propagandas difamatórias. É necessária também uma reestruturação dos meios de propaganda eleitoral, promovendo um debate respeitoso, transparente e centrado em propostas efetivas para o desenvolvimento do país.

As mídias digitais, nesse processo, possuem papel fundamental. Ao reformular seus algoritmos para priorizar a pluralidade de perspectivas e reduzir a ênfase em conteúdos sensacionalistas ou polarizadores, essas plataformas podem contribuir significativamente para o fortalecimento da democracia. Estimular a exposição dos usuários a diferentes pontos de vista pode ser um importante passo na mitigação da radicalização política.

Apenas com esse esforço conjunto — envolvendo Estado, sociedade civil e plataformas digitais — será possível construir uma democracia verdadeiramente participativa, plural e dialógica. Um espaço em que o debate político, inclusive nas redes sociais, seja pautado pela crítica construtiva, pelo respeito mútuo e pelo compromisso com o interesse coletivo.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. *O perigo de uma história única*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

APPLEBAUM, Anne. **O crepúsculo da democracia**: como o autoritarismo seduz e as amizades são desfeitas em nome da política. Rio de Janeiro: Record, 2021

BAPTISTA, Rodrigo. Redes sociais influenciam voto de 45% da população, indica pesquisa do DataSenado. **Senado Notícias**, [S. l.]. 12 dez. 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/12/12/redes-sociais-influenciam-voto-de-45-da-populacao-indica-pesquisa-do-datasenado>. Acesso em: 3 maio 2025.

BARRET, Nicholas. Como algoritmos mudaram a maneira como interagimos. **BBC News Brasil**, [S. l.]. 14 out. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cm2yjjzpykg7o>. Acesso em: 1 maio 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018**. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/114020.htm. Acesso em: 14 abr. 2021.

CARNEIRO, Rodrigo; ALMADA, Maria Paula; DOURADO, Tatiana. Ataques e desinformação online contra o processo eleitoral de 2022 no Brasil: Memorandos de entendimento firmados entre TSE e as big techs. In: ITUASSU, Arthur; MATOS, Eurico. **Democracia, desinformação e radicalização**: As mídias digitais e as eleições de 2022 no Brasil. [S. l.]: PUC-Rio, 2024. cap. 12, p. 327-357. Disponível em: <https://www.editora.puc-rio.br/media/ebook%20democracia%2C%20desinformacao%20e%20radicalizacao.pdf>. Acesso em: 5 maio 2025.

FREIRE, Stefanie Matos. **Utilização da Internet e Redes Sociais nas eleições presidenciais: análise do caso brasileiro em 2018**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2022. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/ciencias_sociais/6024.pdf. Acesso em: 29 abril 2025.

GRIFFIN, Clifford; BLOTTA, Vitor. Desinformação e democracia: mídias sociais e as disrupções da democracia. *Estudos Avançados*, v. 39, n. 113, p. 1-16, 2025. DOI: 10.1590/s0103-4014.202539113.019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.202539113.01>. Acesso em: 4 maio 2025.

ITUASSU, Arthur; MATOS, Eurico. **Democracia, desinformação e radicalização**: As mídias digitais e as eleições de 2022 no Brasil. [S. l.]: PUC-Rio, 2024. Disponível em: <https://www.editora.puc-rio.br/media/ebook%20democracia%2C%20desinformacao%20e%20radicalizacao.pdf>. Acesso em: 1 maio 2025.

McNAMEE, Roger. Entrevista. In: ORLOWSKI, Jeff (Diretor). *O dilema das redes*. Netflix, 2020.

MEDEIROS, Ana Paula. Emoções como o medo e a esperança são ferramentas de mobilização de massas na política. **Jornal da USP**, [S. l.], p. 1-2, 17 out. 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/emocoes-como-o-medo-e-a-esperanca-sao-ferramentas-de-mobilizacao-de-massas-na-politica/>. Acesso em: 2 maio 2025.

O DILEMA DAS REDES. Direção: Jeff Orlowski. Estados Unidos, 2020.

PARISER, Eli. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Tradução de Rafael Nonato. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

RICHARDSON, Rashida. Entrevista. In: ORLOWSKI, Jeff (Diretor). *O dilema das redes*. Netflix, 2020.

ROSENSTEIN, Justin. Entrevista. In: ORLOWSKI, Jeff (Diretor). *O dilema das redes*. Netflix, 2020.

SANTOS, MILTON. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 10ª ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

SEBRAE. Como funcionam os algoritmos das redes sociais. *Portal Sebrae*. 12 mar. 2023. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/como-funcionam-os-algoritmos-das-redes-sociais,d747b240aba76810VgnVCM1000001b00320aRCRD>. Acesso em: 10 maio 2025.

SESC-SP. Artigos analisam a lógica e os impactos sociais dos algoritmos. *SESC-SP*. 31 out. 2023. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/editorial/artigos-analisam-a-logica-e-refletem-sobre-a-influencia-social-dos-algoritmos/>. Acesso em: 6 maio 2025.

SILVA, Rafael Vilela da. O impacto das redes sociais na democracia contemporânea. *Estudos Avançados*, v. 39, n. 118, p. 1-22, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/j3D7thHqsJxJTnLMFxmKvr/>. Acesso em: 12 maio 2025.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. 1. ed. São Paulo: Intrínseca, 2020.

ZUBOFF, Shoshana. Entrevista. In: ORLOWSKI, Jeff (Diretor). *O dilema das redes*. Netflix, 2020.